



# Espírito

Revista Digital de Animação Vocacional

Ano IV - Julho de 2021 - Edição 15

## ANIMAR AS VOCAÇÕES SEGUINDO OS PASSOS DE SÃO JOSÉ.



2021

ANO DEDICADO A  
**SÃO JOSÉ**

150 ANOS  
PADROEIRO DA IGREJA CATÓLICA

## Nesta Edição

Editorial..... 03

### **PALAVRA DA IGREJA**

XXV DIA MUNDIAL DA VIDA CONSAGRADA  
2 de fevereiro de 2021

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO..... 04

### **TEMA VOCACIONAL**

UM BREVE OLHAR VOCACIONAL PARA A  
CARTA APOSTÓLICA PATRIS CORDE .....

13

Pe. Rogério Augusto de Jesus Santos SDV

### **CELEBRAÇÃO VOCACIONAL**

SÃO JOSÉ EXEMPLO DE VOCAÇÃO!..... 19

Ir. Eric Rocha Silva, SDV

### **CONTO VOCACIONAL**

APENAS UM SONHO..... 25

Pe. Valnei Pamponet Oliveira SDV

**A Revista Espírito Digital é uma publicação da Sociedade Divinas Vocações – Província do Brasil. Rua Esperanto, nº 07, São Caetano . CEP: 40391-232. Salvador-BA.**

**Equipe de Direção:**

**Diretor Presidente: Pe. José Carlos Lima SDV.**

**Diretor Administrativo: Pe. Albino Thiago Santos de Jesus SDV.**

**Editor Geral: Pe. Valnei Pamponet Oliveira SDV.**

**Revisor Geral: Pe. Luis Jonas Carneiro de Oliveira SDV.**

**OBS: Os artigos assinados não representam necessariamente o pensamento da Revista.**

## **Editorial**

Aqui estamos, caríssimos leitores, em mais um momento de comunhão e partilha vocacional. Mais uma vez nos empenhamos no Serviço de Animação Vocacional, visando especialmente vocacionados e agentes vocacionais, para crescermos juntos nesta jornada vocacional que é a vida.

Nesta edição queremos ter presente especialmente a figura de São José, desto deste ano a ele dedicado. Apresentamos uma reflexão e uma celebração a ele dedicada, completando com outras temáticas também importantes para a vida cristã.

Esperamos que este pouco conteúdo aqui apresentado seja de grande valor, neste difícil e importante trabalho que é animar especialmente a juventude a responder positivamente aos apelos divinos, como também animar a comunidade cristã a viver e constantemente contribuir no chamamento.

Que São José, modelo de vocação, interceda por todos nós neste empreendimento.

**Pe. Valnei Pamponet Oliveira SDV**

**Editor**

**PALAVRA DA IGREJA**

**XXV DIA MUNDIAL DA VIDA CONSAGRADA**

**2 de fevereiro de 2021**

**HOMILIA DO PAPA FRANCISCO<sup>1</sup>**

Simeão “esperava – escreve São Lucas – a consolação de Israel” (2,25). Subindo ao templo quando Maria e José levaram lá Jesus, aquele acolhe nos seus braços o Messias. E, naquele Menino, reconhece a luz que veio para iluminar as nações; esta identificação é feita por um homem já idoso que esperou *com paciência* o cumprimento das promessas do Senhor. Esperou com paciência.

*A paciência de Simeão.* Vejamos de perto a paciência deste ancião. Durante toda a vida, esteve à espera exercitando a paciência do coração. Aprendera, na oração, que geralmente Deus não recorre a acontecimentos extraordinários, mas realiza a sua obra na aparente monotonia do dia a dia, no ritmo por vezes extenuante das atividades, nas pequenas coisas que realizamos com humilde tenacidade procurando cumprir a sua vontade. Caminhando com paciência, Simeão não se deixou quebrantar com o passar do tempo.

---

<sup>1</sup> Fonte: [https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/pa-pa-francesco\\_20210202\\_omelia-vitaconsacrata.html](https://www.vatican.va/content/francesco/pt/homilies/2021/documents/pa-pa-francesco_20210202_omelia-vitaconsacrata.html) (16/06/21 às 10:25).

É um homem já carregado de anos, mas a chama do seu coração ainda está acesa; por vezes, na sua longa vida, ter-se-á sentido entorpecido, descorçoado, mas não perdeu a esperança; com paciência, guarda a promessa – guarda a promessa –, mas sem se deixar consumir de amargura pelo tempo passado nem por aquela melancolia resignada que surge quando se chega ao crepúsculo da vida. Nele, a expectativa do esperado traduziu-se na paciência quotidiana de quem, apesar de tudo, permaneceu vigilante até que, finalmente, os seus “olhos viram a Salvação” (Lc 2,30).

Pergunto-me: onde terá Simeão aprendido esta paciência? Recebeu-a da oração e da vida do seu povo, que sempre



reconheceu, no Senhor, o “Deus misericordioso e clemente, vagaroso na ira, cheio de bondade e de fidelidade” (*Ex* 34,6); reconheceu o Pai que mesmo em presença da recusa e da infidelidade não se cansa; antes, a sua “paciência – como diz Neemias – suportou-os durante muitos anos” (cf. 9,30), para conceder sempre a possibilidade da conversão.

Assim, a paciência de Simeão é espelho da *paciência de Deus*. A partir da oração e da história de seu povo, Simeão aprendeu que Deus é paciente. E com a sua paciência, como afirma São Paulo, “convida à conversão” (*Rm* 2,4). Gosto de recordar o que dizia Romano Guardini: a paciência é a forma como Deus responde à nossa fraqueza, para nos dar tempo de mudar (cf. *Glaubenserkenntnis*, Würzburg 1949, 28). Mas há de ser sobretudo o Messias – Jesus, que Simeão estreita nos braços – a revelar-nos a paciência de Deus, o Pai que usa de misericórdia para conosco e chama até à última hora, que não exige a perfeição, mas a generosidade do coração, que abre novas possibilidades onde tudo parece perdido, que procura um buraco por onde entrar dentro de nós quando o nosso coração está fechado, que deixa crescer o trigo sem arrancar o joio. Esta é a razão da nossa esperança: Deus espera por nós, sem nunca Se cansar. Deus espera por nós, sem nunca Se cansar. E aqui está o motivo

da nossa esperança. Quando nos afastamos, vem procurar-nos; quando caímos por terra, levanta-nos; quando regres-samos a Ele depois de vagar perdidos, espera-nos de braços abertos. O seu amor não se mede com os pesos dos nossos cálculos humanos, mas sempre nos infunde a coragem de recomeçar. Ensina-nos a resiliência, a coragem de recomeçar. Sempre, todos os dias. Depois das quedas, recomeçar sempre... Ele é paciente.



E consideremos a *nossa paciência*. Da paciência de Deus e da de Simeão, aprendamos para a nossa vida consagrada. E perguntemo-nos: Que é a paciência? De certeza não é simples tolerância das dificuldades nem resignação fatalista das adversidades. A paciência não é sinal de fraqueza: a fortaleza de ânimo torna-nos capazes de “levar o peso”, de suportar: suportar a carga dos problemas pessoais e comunitários, leva-nos a acolher a diversidade do outro, faz-nos perseverar no bem mesmo quando tudo parece inútil, impele-nos a caminhar mesmo quando nos assaltam o tédio e a preguiça.

Gostaria de indicar três “lugares” onde se concretiza a paciência.

O primeiro é *a nossa vida pessoal*. Um dia respondemos à chamada do Senhor, oferecendo-nos a Ele com entusiasmo e generosidade. Ao longo do caminho, a par das consolações, tivemos também decepções e frustrações. Às vezes, o resultado esperado não corresponde ao entusiasmo do nosso trabalho; parece que a nossa sementeira não produz os frutos esperados, o fervor da oração diminui e nem sempre estamos imunes à aridez espiritual. Pode acontecer, na nossa vida de consagrados, que a esperança esmoreça por causa das expectativas frustradas. Devemos ter paciência





conosco e esperar, confiantes, os tempos e as modalidades de Deus: Ele é fiel às suas promessas. Esta é pedra basilar: Ele é fiel às suas promessas. Lembrar-nos disto permite repensar os percursos, revigorar os nossos sonhos, sem ceder à tristeza interior e ao desânimo. Irmãos e irmãs, a tristeza interior em nós consagrados é um verme, um verme que nos corrói por dentro. Fuja da tristeza interior!

O segundo lugar onde se concretiza a paciência: *a vida comunitária*. As relações humanas, especialmente quando se trata de partilhar um projeto de vida e uma atividade apostólica, todos sabemos que nem sempre são pacíficas. Às vezes surgem conflitos e não se pode exigir uma solução imediata, nem se deve julgar precipitadamente a pessoa ou a situação: é preciso saber dar tempo ao tempo, procurar não perder a paz, esperar o momento melhor para uma clarificação na caridade e na verdade. Não se deixar confundir pelas tempestades. Na leitura do breviário para amanhã, há uma passagem interessante de Diádoco de Foticeia, sobre o discernimento espiritual, que diz “quando o mar está agitado não se veem os peixes; mas podem-se ver quando o mar está calmo”. Nunca poderemos fazer um bom discernimento, ver a verdade, se o nosso coração estiver agitado e impaciente. Nunca. Nas nossas comunidades, requer-se esta paciência mútua: suportar, isto é, carregar aos próprios ombros a vida do irmão ou da irmã, incluindo as suas fraquezas e defeitos. Todos. Lembremo-nos disto: o Senhor não nos chama para ser solistas – sabemos que existem tantos na Igreja – não, não nos chama para ser solistas, mas para fazer parte dum coro, que às vezes desafina, mas sempre deve tentar cantar em conjunto.

Enfim o terceiro “lugar”, a paciência *com o mundo*. Simeão e Ana cultivam no coração a esperança anunciada pelos profetas, mesmo se tarda a realizar-se e cresce lentamente no meio das infidelidades e ruínas do mundo. Não entoam o lamento pelo que está errado, mas esperam com paciência a luz na obscuridade da história. É preciso esperar a luz na obscuridade da história; sim, esperar a luz na obscuridade da própria comunidade. Precisamos desta paciência, para não acabarmos prisioneiros das lamentações. Alguns são mestres em lamentações, doutoraram-se em lamentações, são muito bons a lamentar-se! Não, a lamentação prende: “o mundo já não nos escuta” – tantas vezes ouvimos isto – “já não temos vocações, temos de fechar a barraca”, “vivemos tempos difíceis” – “ah, a quem tu o vens dizer!...”. Assim começa o dueto das lamentações. Às vezes acontece que, à paciência com que Deus trabalha o terreno da história e trabalha também o terreno do nosso coração, opomos a impaciência de quem julga tudo imediatamente: agora ou nunca, agora já. E assim perdemos aquela virtude, “pequena” mas a mais bela: a esperança. Tenho visto muitos homens e mulheres consagrados que perdem a esperança. Simplesmente por impaciência.

A paciência ajuda-nos a olhar com misericórdia para nós

mesmos, as nossas comunidades e o mundo. Podemos interrogar-nos: Acolhemos nós a paciência do Espírito na nossa vida? Nas nossas comunidades, carregamo-nos mutuamente aos ombros e mostramos a alegria da vida fraterna? E, com o mundo, realizamos o nosso serviço com paciência ou julgamos com severidade? São desafios para a nossa vida consagrada: nós não podemos ficar parados na nostalgia do passado, nem limitar-nos a repetir sempre as mesmas coisas, nem perdermo-nos em lamentações diárias. Precisamos da paciência corajosa de caminhar, explorar novos caminhos, procurar aquilo que o Espírito Santo nos sugere. E isto faz-se com humildade, com simplicidade, sem grande propaganda, sem grande publicidade.

Contemplemos a paciência de Deus e imploremos a paciência confiante de Simeão e também de Ana, para que também os nossos olhos possam ver a luz da Salvação e levá-la a todo o mundo, como a levaram com os seus louvores estes dois anciãos.

## TEMA VOCACIONAL

# UM BREVE OLHAR VOCACIONAL PARA A CARTA APOSTÓLICA PATRIS CORDE

Pe. Rogério Augusto de Jesus Santos SDV

Por ocasião do 150º aniversário da declaração de São José como padroeiro universal da Igreja, o Papa Francisco presenteou a Igreja com sua Carta Apostólica *Patris Corde*. Com linguagem simples e acessível, enraizada nos textos bíblicos e recordando alguns pronunciamentos do magistério da Igreja acerca de São José, nos convida, com ternura e profundidade, a olhar com merecida reverência e gratidão para a figura extraordinária desse Santo. Ao longo do texto vai destacando e refletindo sobre alguns aspectos da vida de São José e do amor e veneração que o povo lhe dedica, tais como, *Pai amado, Pai na ternura, Pai na obediência, Pai no acolhimento, Pai com coragem criativa, Pai trabalhador e Pai na sombra*. Evidentemente, chamaremos a atenção apenas a alguns aspectos. Espero que esta breve reflexão seja, sobretudo, um convite a debruçarmos sobre a Carta do Papa afim de termos acesso ao seu conteúdo e assim desfrutarmos de sua riqueza bíblica, teológica e espiritual.



A carta começa, daí o seu nome, afirmando que “com coração de pai: assim José amou a Jesus”. Penso que existe algo de muito significativo e provocador nessas palavras. Sem dúvida, São José foi alguém totalmente identificado com a missão lhe foi confiada e a viveu fielmente na dinâmica do amor. Este mesmo amor que dá fecundidade a vivência de toda e qualquer

vocação. Está é, a meu ver, a primeira e maior motivação vocacional: o amor. O sentir-se chamado é o início de um itinerário de discernimento, onde a pessoa, seja qual for a sua vocação, deverá ser ajudada a descobrir se, de fato, este é o caminho. É preciso está identificado com a vocação à qual se sente chamado, ao ponto de senti-la pulsar em sintonia com as batidas do próprio coração e vivê-la com um

amor que vai dando dinamismo e fecundidade ao caminho que deverá ser percorrido até a sua realização.

Em sua carta o Papa recorda a dimensão do serviço da vida de São José. De fato, ele também fez de sua vida um SIM a Deus. Colocou-se totalmente a serviço do seu projeto de salvação. Se fez dom para os demais através do amor e serviço nas tarefas do cotidiano da vida. Realiza esse grande papel na história da salvação com a humildade que lhe é própria. Não há nele sentimento de superioridade, arrogância; há somente, amor, serviço e humildade. Dele também se poderia dizer “eis aqui o servo do Senhor”. São José nos ensina a viver nossa vocação na dinâmica do serviço e da entrega de si mesmo. Não podemos sucumbir à tentação do estrelismo, status, privilégio, carreirismo e sentimento de superioridade que distorce o verdadeiro sentido de uma vocação: entrega serviçal de si mesmo a Deus e aos demais. A humildade é o terreno fértil onde Deus realiza maravilhas.

São José também encontrou dificuldades para compreender os caminhos Deus, sobretudo, o seu agir na gravidez de Maria. O Papa nos lembra que “José sente uma angústia imensa com a gravidez incompreensível de Maria”. No entanto, em sonho o anjo o ajuda a compreender o caminho escolhido por Deus para realizar seu projeto de amor e salvação,

## TEMA VOCACIONAL

e assim “com a obediência, superou o seu drama e salvou Maria”. Também nos custa compreender os caminhos de Deus. Há momentos que compartilhamos do mesmo sentimento do profeta; “Pois os meus pensamentos não são os vossos pensamentos, e vossos caminhos não são os meus – oráculo do Senhor” (Isaías 55,8). Também necessitamos de ajuda para aclarar as dúvidas, tranquilizar o coração e

tomar a de-  
fruto de um  
de busca da  
Deus. O dis-  
não é para  
aquilo que  
sim para che-  
tendimento  
Deus quer,  
sentido, pode  
não com o



cisão como  
processo  
vontade de  
cernimento  
confirmar  
queremos e  
gar ao en-  
daquilo que  
que, neste  
coincidir ou  
que já pensa-

mos. São José foi auxiliado por Deus através de um anjo em sonho. Quais são os meios utilizados por Deus hoje para abrasar nossos corações com as chamas das vocações? Quais são hoje os “anjos” que nos ajudam a compreender a vontade de Deus?



Por fim, como havia mencionado no início, devido a finalidade de ser um texto breve, desejo concluir transcrevendo abaixo uma das motivações que levaram o Papa a escrever esta carta. Segue:

*Tal desejo foi crescendo ao longo destes meses de pandemia em que pudemos experimentar, no meio da crise que nos afeta, que «as nossas vidas são tecidas e sustentadas por pessoas comuns (habitualmente esquecidas), que não aparecem nas manchetes dos jornais e revistas, nem nas grandes passarelas do último espetáculo, mas que hoje estão, sem dúvida, a escrever os acontecimentos decisivos da nossa história: médicos, enfermeiras e enfermeiros, trabalhadores dos supermercados, pessoal da limpeza, curadores, transportadores, forças policiais, voluntários, sacerdotes, religiosas e muitos – mas muitos – outros que compreenderam que ninguém se salva sozinho. (...) Quantas pessoas dia a dia exercitam a paciência e infundem esperança, tendo a peito não semear pânico, mas corresponsabilidade! Quantos pais, mães, avôs e avós, professores mostram às nossas crianças, com pequenos gestos do dia a dia, como enfrentar e atravessar uma crise, readaptando hábitos, levantando o olhar e estimulando a oração! Quantas pessoas rezam, se imolam e intercedem pelo bem de*

## TEMA VOCACIONAL

---

*todos». [6] Todos podem encontrar em São José – o homem que passa despercebido, o homem da presença quotidiana discreta e escondida – um intercessor, um amparo e uma guia nos momentos de dificuldade. São José lembra-nos que todos aqueles que estão, aparentemente, escondidos ou em segundo plano, têm um protagonismo sem paralelo na história da salvação. A todos eles, dirijo uma palavra de reconhecimento e gratidão (Carta Apostólica Patris Corde)*



## CELEBRAÇÃO VOCACIONAL

### São José exemplo de vocação!

Ir. Eric Rocha Silva, SDV



**Mantra:** Quem anda sempre no amor, não cansa, não se cansa!

*(ambiente: Organizar um espaço para por a imagem ou quadro de São José e símbolos das vocações específicas – alianças, estola, três vasos representando a vida consagrada, segundo a criatividade)*

**Acolhida:** Saudação, inovação ao Espírito Santo e Santíssima Trindade.

Animador: Vamos acolher a imagem de São José, ele que fora exemplo de determinação e perseverança em sua vocação.

*(Enquanto a imagem é entronizada, se canta: São José a vós nosso amor...)*

### Relatos da Vida

**Animador:** O Papa Francisco dedicou esse ano a São José, por ocasião do 150º aniversário da declaração do mesmo como padroeiro universal da igreja. Para findar esse grande marco, o santo padre publicou a carta apostólica *Patris Corde*, destacando as grandes virtudes e desafios que São José encontrou para realizar sua missão. Somos convidados a fazermos um caminho com essa estimada carta, observando os grandes feitos e dificuldades que o patrono da igreja passou e que serve de estímulo para os que já abraçaram sua vocação ou pretendem abraçar.

**Leitor 1:** Todos podem encontrar em São José – o homem que passa despercebido, o homem da presença quotidiana discreta e escondida – um intercessor, um amparo e uma guia nos momentos de dificuldade. São José lembra-nos

que todos aqueles que estão, aparentemente, escondidos ou em segundo plano, têm um protagonismo sem paralelo na história da salvação. A todos eles, dirijo uma palavra de reconhecimento e gratidão.

**Leitor 2:** São Paulo VI faz notar que a sua paternidade se exprimiu, concretamente, «em ter feito da sua vida um serviço, um sacrifício, ao mistério da encarnação e à conjunta missão redentora; em ter usado da autoridade legal que detinha sobre a Sagrada Família para lhe fazer dom total de si mesmo, da sua vida, do seu trabalho; em ter convertido a sua vocação humana ao amor doméstico na oblação sobre-humana de si mesmo, do seu coração e de todas as capacidades no amor colocado ao serviço do Messias nascido na sua casa.

**Leitor 3:** A vontade de Deus, a sua história e o seu projeto passam também através da angústia de José. Assim ele ensina-nos que ter fé em Deus inclui também acreditar que Ele pode intervir inclusive através dos nossos medos, das nossas fragilidades, da nossa fraqueza. E ensina-nos que, no meio das tempestades da vida, não devemos ter medo de deixar a Deus o timão da nossa barca. Por vezes queremos controlar tudo, mas o olhar d'Ele vê sempre mais longe.

**Canto:** *Senhor, Tu me olhaste nos olhos, a sorrir, pronunciantes meu nome. Lá na paria, eu larguei o meu barco, junto a TI, buscarei outro mar.*

**Leitor 4:** José sente uma angústia imensa com a gravidez incompreensível de Maria: mas não quer «difamá-la», [14] e decide «deixá-la secretamente» (Mt 1, 19). No primeiro sonho, o anjo ajuda-o a resolver o seu grave dilema: «Não temas receber Maria, tua esposa, pois o que Ela concebeu é obra do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, ao qual darás o nome de Jesus, porque Ele salvará o povo dos seus pecados» (Mt 1, 20-21). A sua resposta foi imediata: «Despertando do sono, José fez como lhe ordenou o anjo» (Mt 1, 24). Com a obediência, superou o seu drama e salvou Maria.

**Leitor 5:** Vê-se, a partir de todas estas vicissitudes, que «José foi chamado por Deus para servir diretamente à Pessoa e a missão de Jesus, mediante o exercício da sua paternidade: desse modo, precisamente, ele coopera no grande mistério da Redenção, quando chega a plenitude dos tempos, e é verdadeiramente ministro da salvação».

**Leitor 6:** O que Deus disse ao nosso Santo – «José, Filho de David, não temas...» (Mt 1, 20) –, parece repeti-lo a nós também: «Não tendes medo!» É necessário deixar de lado

a ira e a desilusão para – movidos não por qualquer resignação mundana, mas com uma fortaleza cheia de esperança – dar lugar àquilo que não escolhemos e, todavia, existe. Acolher a vida desta maneira introduz-nos num significado oculto. A vida de cada um de nós pode recomeçar miraculosamente, se encontrarmos a coragem de a viver segundo aquilo que nos indica o Evangelho.

**Canto:** *Vocação, é sem medo, dizer sempre sim, é grita que o amor não tem fim, sendo fiel na sua missão. Vocação é deixar tudo, tudo e partir, é tomar sua cruz e seguir na paz infinita de Cristo Jesus.*

### Palavra de Salvação

**Animador:** Após ter escutado alguns relatos da carta apostólica do santo padre, vamos ouvir a sagrada escritura.

**Canto:** Ai de mim se eu não disser, a verdade que eu ouvir, ai de mim se eu me calar, quando Deus me mandar falar.

Mt 1, 18-20; 24.



## CELEBRAÇÃO VOCACIONAL

---

*(Fazer uma breve reflexão sobre a narrativa da sagrada escritura, relacionado com a leitura da carta apostólica, provocando os participantes a dizerem o que os chamou mais atenção e como podemos ver São José como exemplo de Vocação?)*

### **Recreação**

**Animador:** São José é modelo de vocacionado, atento e obediente ao chamado de Deus e do seu projeto salvífico. A exemplo desse grande santo, apresentemos os símbolos das vocações específicas, que cada vocação em sua singularidade possa estar atentos ao chamado que o Senhor nos faz.

*(Enquanto os objetos são postos no ambiente preparado, se canta: Poucos os operários.... e o animador convida a todos a fazer suas preces no intimo do seu coração)*

**Pai Nosso, Ave Maria...**

**Final:** *(Sinal da Cruz)*

**Canto:** É missão de todos nós Deus chama e quer ouvir a nossa voz...



## CONTO VOCACIONAL

### Apenas um sonho (continuação)

Pe. Valnei Pamponet Oliveira SDV

Tudo aquilo me deixou perplexo. Então olhei para o Mosteiro, tão próximo, mas ao mesmo tempo parecia tão distante e difícil de chegar! Deveria ter sido apenas uma pequeníssima caminhada: atravessar a rua e andar pela calçada subindo uma pequena ladeira até o Mosteiro. Que mistério há nisso? Entretanto, meu Deus! Que sonho! Foi então que, em meio aquele deserto, decidi continuar meu caminho sem nenhuma interrupção. Grande ilusão a minha! Um pouco à frente, feliz por não estar mais sozinho naquele deserto, encontrei na escadaria que dá acesso à Barroquinha, o mesmo pedinte de antes. Ele pedia esmolas olhando para mim: ‘uma caridade pelo amor de Deus!’ Aquilo me indignou. Amigo, cadê aquele monte de dinheiro que te dei há pouco? Olhando-me nos olhos ele apenas respondeu: ‘que dinheiro? O que você acha que eu poderia comprar com dinheiro de sonho num lugar deserto?’ Olhando ao redor, vendo que tudo continuava deserto, tive que concordar com ele, mas aí o questioneei: e porque você continua pedindo dinheiro?

‘Meu bom garoto, respondeu ele com o sorriso de um pai quando dá um bom conselho a seu filho imaturo, eu, na verdade, estou pedindo caridade, e isso não significa necessariamente dinheiro. Orientação, educação, atenção, respeito, diálogo, companhia e tantas outras coisas da convivência humana são formas de caridade, coisas necessárias tanto para ricos como para pobres, tanto para jovens como para idosos, tanto para homens como para mulheres, tanto para negros como para brancos’. Fiquei perplexo com aquela inesperada resposta, porém fiquei mais perplexo ainda quando me dei conta do ressurgimento do movimento da multidão, do canto de pássaros, do som dos carros que passavam, de toda aquela movimentação que, do nada, voltou a existir. Era gente para todo lado, carros de diversas cores e formas passando pela via, comerciantes aos gritos e aparelhos de som anunciando produtos. Tudo voltou ao seu movimento rotineiro, mais uma vez “a Praça Castro é do povo como o céu é do avião”! Fiquei muito contente com aquilo, pois já estava me sentindo abandonado no mundo. Quando voltei a olhar o pedinte, ele continuava ali, mas estava a conversar com outra pessoa. Voltou o olhar para mim, piscou o olho, e apontou sorridente para o Mosteiro. Iniciando a subida da pequena ladeira, ouvi um chamado do outro lado da rua: ‘ei garoto, aqui, aqui’. Olhei e fiquei contente, era a loira.

Novamente interrompi a narração e solicitei à psicopedagoga um pouco d'água para beber. Minha garganta estava ficando seca de tanto falar. Ela se levantou e foi à sala de espera buscar a água. Neste intervalo fiquei olhando em volta com mais atenção a mobília e especialmente os quadros na parede. Duas belas pinturas: uma retratando o Farol da Barra e a outra era um rosto de jovem negra sobre um



fundo dourado. Neste momento a psicopedagoga entrou na sala com a água. Tomei um gole, vagorosamente, e agrade-ci. Ia perguntar sobre a pintura da jovem negra, mas decidi deixar para depois e continuei a narração do sonho:

Contente em ver a jovem loira outra vez, atravessei a rua para lhe atender. ‘Desculpa o incômodo garoto, mas preciso mesmo de ajuda. Estou procurando tal loja. Alguém me informou erradamente que fica na Carlos Gomes. Já procurei lá até um certo ponto mas não encontrei esta loja’. Olha, respondi, eu também não conheço esta loja, mas podemos perguntar ao jornaleiro ali na esquina. Nos dirigimos à banca de jornal e tive uma surpresa, encontrei o mesmo jornaleiro de antes conversando com o pipoqueiro. Perguntei se tinham mudado de lugar; responderam apenas que a mobilidade faz parte do ganha pão deles. Perguntei pela casa comercial que a loira procurava e eles responderam juntos: ‘subindo essa mesma calçada, bem em frente ao Relógio de São Pedro’. Ela agradeceu e seguiu seu caminho. Neste momento perguntei ao pipoqueiro que horas eram, pois eu estava sem relógio naquele sonho, ao que ele me respondeu 17:55h. Como num impulso, olhei preocupado para o outro lado da rua, pois estava quase na hora de fechar o portão do Mosteiro. Foi neste momento, eu podia jurar, vi a jovem

negra próxima à imagem de São Sebastião, mas ao mesmo tempo vi o segurança com o porteiro e um monge se preparando para fechar o portão. Fiquei desesperado e, sem pensar, pus-me a correr para chegar lá antes deles fecharem. Mas foi aí que me aconteceu uma desgraça.

Parei novamente a narração, com a cabeça baixa, sem olhar para a psicopedagoga, comecei a respirar fundo. Estava tentando encontrar forças para falar de minha tragédia. Ela me ofereceu a água. Não deu uma palavra sequer e apenas esperava eu me recompor. Respirei fundo, tomei a água e em seguida continuei a narração:

Depois de todo aquele esforço, frente a frente com o Mosteiro onde estava a jovem negra, comecei a atravessar a rua sem olhar para os lados e acabei sendo atropelado. O motorista não vinha em alta velocidade, mas a pancada foi suficiente para me derrubar, quando bati com muita força a cabeça do asfalto e acabei morrendo, apesar das pessoas tentarem me socorrer. Sei que era apenas um sonho, mas, mesmo num sonho também se morre. Porém não morri antes de poder olhar em volta, ver o pipoqueiro, o jornaleiro, o pedinte, o acidentado, a loira e, lá na igreja, sorrindo próxima à imagem de São Sebastião, a jovem negra.

Olhando, com os olhos cheios de lágrimas para a psicopedagoga, eu apenas disse: e este foi meu sonho, apenas um sonho. Em resposta ela me olhou com carinho, sorrindo levemente, e apenas me disse, ‘e que sonho maravilhoso’. Franzi a testa, e meio desconcertado, enxuguei as lágrimas com as mãos e perguntei: a senhora acha mesmo? ‘Sim, e porque não? Um sonho estético e vocacional, cheio de imagens e episódios significativos’. Comecei a me interessar mais, e em silêncio aguardei suas palavras. ‘Olha, continuou ela, já havia lhe dito em nosso primeiro encontro que sou católica como você, embora não partilhe de alguns aspectos que você prioriza. Mas tenho algo a lhe dizer sobre este sonho. Deseja ouvir?’ É o que mais quero no momento, respondi superando a tristeza que havia me abatido pela última parte do sonho. Não se preocupe com o tempo, disse eu, esqueça o tempo, apenas viva-o. Então ela sorriu e começou a falar:

(continua na próxima edição)

## NOS PROCURE

A Congregação Vocacionista, fundada pelo Beato Justino Russolillo, tem por carisma animar e encaminhar as vocações, servindo a Igreja em vista da Santificação Universal. A revista online Espírito é apenas um modo de viver este ministério.

Caso você queira:

- a) nos conhecer melhor;
- b) buscar orientação pastoral relacionada à Animação Vocacional;
- c) procurar orientações para optar por uma vocação específica;

então entre em contato com os religiosos responsáveis por nossos Núcleos de Animação Vocacional. Estamos aqui para ajudar.

Veja onde estamos e entre em contato com o endereço mais próximo:

**Vocacionário Pe. Justino.** Rua Esperanto, 07 São Caetano. Salvador - BA. CEP: 40391-232. Tel: (71) 3303-4648

**Vocacionário Divino Mestre.** Rua Itapuva, 96 Parada de Lucas. Rio de Janeiro - RJ. CEP: 21010-010. Tel: (21) 2485-1500

**Vocacionário São José.** Rua Des. Eliel Martins, 100 Barra do Vento. Riachão do Jacuípe – BA. CEP: 44640-000

**Vocacionário Nossa Senhora das Divinas Vocações.** Rua Hilda Mendes Pires, 165 Centro. Itambé – BA. CEP: 45140-000. Tel: (77) 3432-2362.

**Vocacionário Nossa Senhora Aparecida.** Av. Equador, 778 Jurema Vitória da Conquista – BA. CEP: 45023-115. Tel: (77) 3421-4804

**Vocacionário Nossa Senhora de Guadalupe.** Rua Siqueira de Menezes, 26 Campo do Brito – SE. CEP: 49520-000. Tel: (79) 3443-1156



**Espírito**  
Revista Digital de Animação Vocacional